

VISÃO DO CORREIO

Bioética, poder e injustiça

A ciência não cabe, ainda, determinar o processo completo da vida e da morte. Mas, dentro dos laboratórios, criaram-se substâncias e tecnologias capazes de controlar, por exemplo, se uma mulher infértil terá filhos, ou se um homem doente receberá medicamentos que lhe darão qualidade de vida. A ciência evoluiu a ponto de recriar a vida para substituir órgãos doentes, graças às células-tronco. A questão é que a vanguarda dos laboratórios está fora do alcance dos mais pobres. Apenas um terço da população tem acesso ao que se produz de moderno.

Até ontem, cerca de 1,4 mil cientistas, representantes da sociedade civil e estudantes universitários participaram do 6º Congresso Mundial de Bioética, em Brasília. O encontro trouxe à capital da República pesquisadores de 62 países para discutir, principalmente, o poder da tecnologia e a injustiça do acesso a ela. O tema bioética, poder e injustiça, que permeou as discussões, foi definido pelo Brasil — primeiro país em desenvolvimento selecionado como sede de um encontro dessa dimensão.

As nações pobres deixaram bem claro que não mais permitirão aos poderosos o uso, sem compensação, de substâncias naturais para desenvolvimento de novas drogas ou o fornecimento de cobaias humanas para testes. O Hemisfério Sul tornou-se o grande depósito de

gente para pesquisa de medicamentos.

O quadro atual fortalece o desequilíbrio do acesso ao extraordinário mundo da tecnologia. Daí a oportunidade da proposta feita por representantes brasileiros de levar simetria ao desenvolvimento científico.

Se, por exemplo, forem usadas plantas brasileiras para a descoberta da cura do câncer, nada mais justo que a tecnologia seja imediatamente repassada ao país. Sem ônus, com parceria. Dessa forma, o pobre terá acesso à conquista sem ter de pagar caro por ela. Democratizam-se, assim, os bens do progresso.

Representantes de cerca de 50 países permanecem reunidos hoje em Brasília para discutir proposta relacionada à bioética e ao acesso a ela. A reunião une os coordenadores de comissões nacionais que discutem a ética e a ciência da vida. O Brasil não estará presente. Não há no país uma comissão estruturada para tratar do assunto. É um alerta.

Está na hora de discutir em âmbito nacional temas que dizem respeito ao cotidiano de homens e mulheres. Uma comissão representante da comunidade científica e da sociedade terá como acelerar debates que interessam a todos, como o acesso a terapias genéticas, transgênicos, clonagem, eutanásia, aborto. A população tem muitas contribuições a dar. Não se pode permitir que decisões sobre o que dá ou tira a vida fiquem relegadas a laboratórios e interesses financeiros.